

Ariovaldo dos Santos



Anárquico e performático, o Luni não tem líder: todos fazem tudo mostrando um som considerado versátil

O despontar do Luni

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — O Grupo Luni, uma das bandas mais versáteis da nova safra de São Paulo, acaba de assinar contrato com a gravadora WEA e em maio lançará um disco produzido por Pena Schmidt e Paulo Calasans. Os oito integrantes do Luni estarão gravando as 10 músicas do primeiro elepê no estúdio paulistano Vice Versa até o final do mês, e depois partem para o Rio de Janeiro, para a fase de mixagem.

A notícia não chega a surpreender. A banda já vem provando a sua criatividade e competência pelos espaços alternativos da cidade há mais de um ano. A perplexidade, no caso, vem da tentativa de imaginar como ela conseguirá preservar no disco o mesmo clima atraente dos seus shows, em que a improvisação musical está sempre aliada a movimentadas performances e variações de cenografia, produzindo um resultado sonoro e plástico diferente a cada apresentação.

Difícil, no entanto, é traçar um perfil do grupo. Quem é o líder? Todos. De quem são as letras? De todos. E as vozes? Todo mundo canta. Tendências musicais? Todas, desde o estilo batido do ritmo discoteca dos anos 70, explorado na música Taxi, até influências da África, Espanha, e de Carmen Miranda.

— Fazemos uma espécie de barracão de zinco com eternit — define bem o artista plástico e guitarrista Theo Werneck.

A força cênica, uma das principais características do Luni, está ligada à sua própria origem. Muitos deles já passaram pelo teatro: Natália Barros, André Gordon e Fernando Figueiredo (os três tecladistas e vocalistas) vieram do grupo teatral XPTO; Marisa Orth (vocalista e responsável por grande parte das performances das apresentações) formou-se pela Escola de Artes Dramáticas da Usp, Giles Eduard (sax alto, clarinete, vocal) já atacou no performático Lili W. O único do grupo com sólida formação musical é o saxofonista e percussionista Lloyd Bonnemaison, nascido em Jacarta, na Indonésia. Lloyd fez três anos de Biologia na França, foi professor de golfe, estudou percussão na África e acabou por se formar na Universidade de Berkeley, na Califórnia.

A versatilidade parece mesmo a maior marca do Luni; a baixista Llena Anhaia cursou História, Fernando Figueiredo trabalhou com publicidade, Marisa formou-se em Psicologia, Giles passou pela Arquitetura. Concentrados agora somente no Luni, os oito integrantes esperam que o contrato com a WEA possibilite, ao menos, a compra de melhores equipamentos.

— Estamos preparados tanto para nos darmos bem como para nos darmos mal — resumiu as expectativas do grupo o tecladista André Gordon.

Preparado também para se dar mal? Se alguém o escutasse falar assim, poderia pensar naquele interessante letra do Luni, Oi, uma monossilábica conversa telefônica de duas pessoas que não se entendem, a dizer: "Hum... sei, sei".